

# SUBLIMAÇÃO E CRIATIVIDADE\*

Sabrina Helena Ferigato<sup>1</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, realizar um estudo a respeito da temática da sublimação, conceito psicanalítico abordado por Freud em muitos momentos de sua obra. Para isso, utilizaremos os conceitos elaborados pelo próprio Freud, assim como os de outros autores que realizam suas elaborações à luz da Psicanálise. Posteriormente, buscaremos relacionar a sublimação com a categoria da criatividade e os processos criativos, tentando identificar suas semelhanças, diferenças e possíveis reflexões.

**Palavras-chave:** sublimação, psicanálise, criatividade, processos criativos.

## ABSTRACT

The primary focus of this paper is to study the concept of sublimation, psychoanalytical concept examined by Freud in many passages of his work. For that, we will use the concepts elaborated by Freud himself, as also other authors which develop his reflections

---

<sup>(\*)</sup> Artigo produzido como trabalho de conclusão para a disciplina *Filosofia, Cultura e Psicanálise*, ministrada pelo prof. Dr. Germano Rigacci Junior no curso de Mestrado em Filosofia – Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

<sup>(1)</sup> Terapeuta Ocupacional (PUC-Campinas), com Aprimoramento em Saúde Mental (UNICAMP) e Mestre em Filosofia Social (PUC-Campinas).

at the light of Psychoanalysis. Later, we will try to relate sublimation with the category of creativity and creative processes, searching to identify its similarities, differences and possible reflections.

**Key-words:** sublimation, Psychoanalysis, creativity, creative processes.

No transcorrer do desenvolvimento dos estudos Freudianos e da teoria psicanalítica, nos deparamos constantemente com a presença do conceito de *sublimação* nos mais diferentes temas trabalhados por Freud, como os mecanismos de defesa, o desenvolvimento da humanidade etc... Em *O mal-estar na civilização*, por exemplo, a sublimação é tida como uma técnica utilizada pelos seres humanos, para afastar o sofrimento causado em decorrência do processo civilizatório<sup>2</sup>, um mecanismo de defesa.

Para isso, a sublimação se constituiria por meio do

emprego dos deslocamentos da libido que nosso aparelho mental possibilita através dos qual sua função ganha flexibilidade. A tarefa aqui reside em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo... como resultado, obtem-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual (FREUD, 1997, p.28).

Desta forma, a sublimação pode ser entendida como um dos destinos da pulsão, que não pode ser totalmente satisfeita por conta da imposição do princípio de realidade.

Partindo desta teoria, Hornstein define a sublimação como “um movimento libidinal, que se desloca até objetos e finalidades valorizadas narcisicamente” (HORNSTEIN, 1900, p.23). Ou seja, a

---

<sup>(2)</sup> Nesta obra, Freud explica que o princípio de realidade é inerente ao desenvolvimento da civilização, porém, ele trás consigo a restrição e muitas vezes a inibição de nossas pulsões inconscientes e da possibilidade de satisfação dos nossos desejos sexuais; isto acontece em decorrência da economia da libido para o investimento em atividades culturais e socialmente úteis características do mundo civilizado.

Estas restrições, associado ao sentimento de culpa, ocasionado pela frustração das pulsões agressivas não satisfeitas e transmitidas para o superego, causariam o sofrimento, o mal estar da civilização.

sublimação como um processo de transformação da economia psíquica, onde a libido é posta a serviço de atividades não sexuais, no qual nossos valores sociais entram em jogo – os elementos repressivos são transformados em atividades socialmente úteis, como por exemplo, a Arte e a Ciência e a trabalho.

Marcuse (1984) acrescenta que as atividades sublimatórias com maior desenvolvimento, como a filosofia, a literatura e a arte, que ainda expressam os temores e as esperanças da humanidade, situam-se contra o princípio de realidade predominante. Além disso, para o autor, ao alimentar o desenvolvimento progressivo da civilização, a sublimação, utiliza, de maneira transformada as pulsões de morte e seus derivativos (como a agressividade, por exemplo). Nesta transformação, possibilitada pela sublimação, a pulsão de morte é posta a serviço de Eros, para o benefício da humanidade. Ou seja, encontramos aí uma possibilidade de “criar relações humanas altamente civilizadas, sem estar sujeito à organização repressiva que a civilização impôs aos instintos” (MARCUSE, 1984, p.174).

Este fenômeno, Marcuse (1984) denomina “auto-sublimação”, que pressupõe o progresso histórico para além das repressões do princípio de realidade, permitindo, pois, a regressão instintiva, diferendo-se da sublimação como dada anteriormente.

Assim, Marcuse (1984), realiza a distinção entre a sublimação repressiva e a sublimação não repressiva, sendo a primeira, aquela que reproduz e determina a cultura, e a segunda aquela que se manifesta em contradição com a esfera de utilidade social, indo contra os valores estabelecidos de produtividade e desempenho introjetados na “massa” social.

Neste sentido, a sublimação não é sempre a negação de um desejo, mas também pode ser pautada por um ideal, que é singular e subjetivo. “Aqui, a sexualidade não é desviada, nem impedida de atingir seu objetivo, pelo contrário, ao atingi-lo, transcende-o em favor de outros, buscando uma gratificação mais plena, o impulso biológico converte-se num impulso cultural” (MARCUSE, 1984, p.179), levando o sujeito a um desenvolvimento superior.

Como podemos perceber, a conceituação de sublimação é muito complexa, passível de diferentes interpretações e considerações que deixam insatisfeitos analistas e estudiosos do tema. Não obstante a isso, muitos têm procurado complementar sua teoria e aprofundá-la, e

outros, como aponta Hornstein (1990), têm proposto desvincular-se da sublimação a partir das categorias da reparação ou da criatividade. Neste momento esta última é que nos interessa.

Mas será que, de fato, os processos criativos são antagonistas à sublimação ou será que ambos expressam as mesmas características, porém, à luz de referenciais teóricos diferenciados entre si?

Para tentar entender estas questões, apresentaremos a conceituação de criatividade anunciada pela artista plástica Fayga Ostrower (1987).

Segundo a autora, o potencial criador é um fenômeno inerente ao ser humano, que está fortemente relacionado a seus valores e contextos culturais. A realização deste potencial é uma necessidade fundamentalmente humana. Ou seja, movido por necessidades concretas, o potencial criador surge na história como um fator de realização e constante transformação, afetando o mundo físico, a condição humana e os contextos culturais. O potencial criador seria a criatividade enquanto necessidade interior, e podendo realizar esse potencial, o sujeito se realiza.

“A criatividade é a essencialidade do humano no homem. Ao exercer seu potencial criativo, trabalhando, criando, em todos os âmbitos do seu fazer, o homem configura sua vida e lhe dá sentido” (OSTROWER, 1987, p.166).

Para a autora, os processos criativos representam tentativas de estruturação, de experimentação e controle. Processos produtivos onde o homem se descobre, onde ele próprio se articula à medida que passa a identificar-se com algo exterior a ele. Configurando, dominando, transformando uma realidade, também o homem vem a se ordenar internamente recriando suas potencialidades essenciais.

Até aqui, podemos perceber muitas semelhanças entre as teorias apresentadas à respeito da sublimação e da criatividade.

Muitas questões citadas ao longo do texto podem servir tanto a uma categoria como a outra. Por exemplo, quando falamos em um fenômeno que é intrínseco e necessário ao ser humano, que favorece a minimização do sofrimento por seu potencial transformador, tanto do indivíduo quanto do contexto cultural em que ele está inserido e que ao mesmo tempo, é um fenômeno que funciona como uma tentativa de estruturação que pode se espelhar na arte, na Ciência etc, nestes casos,

podemos estar nos referindo tanto a sublimação quanto aos processos criativos. No entanto, estas semelhanças ainda não são suficientes para expressar-los como sinônimos.

Para aprimorar esta reflexão, tentaremos elucidar alguns aspectos importantes presentes na conceituação teórica de ambos os fenômenos para, posteriormente, tirarmos nossas próprias conclusões.

Iniciaremos com a discussão a respeito da sublimação e da criatividade em relação ao contexto sócio-cultural, ou seja, as dimensões individual e coletiva desses fenômenos.

Em *Eros e civilização*, Marcuse (1984) aponta que a sublimação não possui apenas um conteúdo psíquico, mas também um conteúdo social. Neste sentido, o organismo torna-se sujeito-objeto de desempenhos socialmente úteis, que realizariam o refinamento cultural da sexualidade. Esta proposição garantiria o desenvolvimento da civilização.

Também para Hornstein, na sublimação, a pulsão é trabalhada pela cultura. "A sublimação implica uma participação transindividual, que contribui em alguma medida para o patrimônio cultural" (HORNSTEIN, 1990, p.27).

No entanto, como ele próprio evidencia, em sua obra *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud inclui a categoria do valor como indissociável da vida psíquica. Daí em diante, a sublimação somente poderá ser definida, pautada em uma história pessoal e pela significação que toma este sujeito, esta atividade, que pode estar em concordância ou não com os valores admitidos no campo cultural. "Daí que, embora a idéia de uma valorização sócio-cultural dos objetos para os quais aponta a pulsão sublimada não esteja totalmente ausente nas muitas definições de sublimação, esta não pode ser especificada se não a partir de uma história individual e não somente a partir dos ideais coletivos" (HORNSTEIN, 1990, p. 90).

Já para a categoria da criatividade, a dimensão coletiva está sempre presente e lhe é essencial, pois, de acordo com Ostrower (1987), embora o processo criativo seja um fenômeno executado pelo indivíduo, o contexto cultural representa o campo dentro do qual estão os recursos, os conhecimentos, as propostas e as avaliações que guiarão os processos criativos, assim, as possíveis criações humanas tendem a

vir necessariamente ao encontro das necessidades sociais e aspirações culturais.

Para a autora, a dimensão individual do processo criativo, que não se separa de sua dimensão sócio-cultural, está na essência da criação, na nossa capacidade de comunicarmos por meio de formas e ordenações onde estão objetivados conteúdos subjetivos.

Assim, podemos concluir que a criatividade parte de um pressuposto que envolve necessariamente o contexto sócio-cultural do criador, já a sublimação, como conceituada por Freud, esta dimensão coletiva e cultural é fortemente incorporada, porém, não é condição absolutamente necessária para que os processos sublimatórios ocorram (este conceito pode nos remeter a auto-sublimação anteriormente apresentada por Marcuse). Seus processos se valem mais das aspirações individuais inconscientes do que da valoração cultural, embora esta seja um componente muitas vezes presente.

Talvez, esteja aí a explicação do por que em alguns momentos na explanação teórica de Ostrower (1987), o processo criativo é também considerado processo produtivo, o que caracteriza fundamentalmente as atividades valorizadas na cultura ocidental – com valor de uso - predominante na contemporaneidade. A partir deste ponto de vista, os processos criativos, como apresentados pela autora, estariam próximos do conceito de sublimação repressiva, que determina e é determinado pela cultura.

Por outro lado, dentro das próprias teorias da criatividade, principalmente no âmbito filosófico, também podemos encontrar características da sublimação não repressiva.

Em *A Filosofia da praxis*, Vazquez<sup>3</sup> (1990), apresenta a teoria de que, a práxis não se confunde com a prática estritamente utilitária e voltada para resultados imediatos, o que implicaria a eliminação do aspecto humano, subjetivo, em face do objeto; de outra forma, a práxis seria, a ação consciente do homem sobre a matéria e a criação. No entanto, existiriam níveis diferentes da práxis, diferenciados de acordo com o grau de consciência do sujeito ativo no processo prático e conforme o grau de criação ou humanização da matéria transformada, o que seria evidenciado no produto de sua atividade prática.

---

<sup>(3)</sup> Autor que, apoiado na teoria marxista elabora uma concepção dialética da história e da sociedade, que une a compreensão teórica à ação real, com vistas à transformação da realidade social a partir da práxis.

Assim, distinguimos a práxis reiterativa ou imitativa e a práxis criadora. A práxis reiterativa, de acordo com Vazquez (1990), se apresenta em conformidade com uma lei previamente traçada cultural ou socialmente, diferentemente da práxis criadora, que é fundamentalmente determinada pela unidade, imprevisibilidade e irrepetibilidade, carregada de conteúdos subjetivos singulares, que independem dos conceitos pré-determinados, como nas obras de arte, por exemplo.

Podemos assim, relacionar a práxis criadora à noção de sublimação não repressiva. "O processo sublimatório permite ao sujeito auto-investir-se e reinvestir a realidade; há um esforço por representar o irrepresentável. Diferencia-se das atividades chamadas adaptativas, por sua dimensão *transgressiva* e pelo *compromisso subjetivo*" (HORNSTEIN, 1990, p.90).

No entanto, é importante salientar que, para Vazquez (1990), há uma supervalorização da consciência no processo de criação em detrimento do inconsciente, uma vez que esse processo é concebido, mais como um objeto de transformação social, do que como objeto de interpretação.

"Erram, neste sentido, as estéticas psicológicas que fazem da obra de arte mera expressão de idéias, o que reduz esse processo de formação a um processo interior, em virtude do qual, se dá forma a um fator psíquico, deixando de lado sua objetivação exterior, sua materialização" (VAZQUEZ, 1990, p.255).

Este conceito assemelha-se à teoria psicanalítica estendida por Marcuse (1984), que vê também na psicanálise, um instrumento de transformação social, e não apenas de mobilização individual. Porém, ao contrário de Vazquez, ele inclui o inconsciente como instância determinante nesse processo.

Quando Marcuse (1984) propõe uma forma de sublimação não repressiva, que ao invés de minimizar os efeitos do princípio de realidade, os superam, mais uma vez encontramos semelhanças com o conceito de criatividade, quando Ostrower (1987) apresenta a finalidade máxima da criação:

Criar, não representa um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer, e em vez de substituir a realidade, é a realidade, uma realidade que adquire dimensões novas pelo fato de

nos articularmos, em nós e perante nós mesmos em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. (OSTROWER, 1987, p. 97).

Em outro momento, Ostrower (1987) demonstra que a criatividade implica em uma força crescente, que se reabastece, nos próprios processos através dos quais se realiza; ela chama de 'tensão psíquica', essa necessidade de renovação constante do potencial criador.

Ao tentarmos relacionar esta característica da criatividade com a sublimação teorizada na psicanálise, o conceito de 'tensão psíquica' (necessidade de renovação constante do potencial criador) parece-nos próximo da idéia da satisfação do desejo a qual a sublimação se destina; um desejo que é da ordem do inconsciente, da ordem da falta – também nunca realizável; somente satisfeito momentaneamente – com necessidade de renovação constante.

Inclusive na literatura, a obra de arte, exemplo clássico do processo criativo, é entendida como a objetivação do subjetivo, a expressão daquilo que não pode articular-se na linguagem – e não é isso o desejo?

"A sublimação parte da falta, e com a ajuda dessa falta, constrói o que é a sua obra, que é sempre a reprodução dessa falta. Isto implica uma repetição dentro deste ato. De fato, somente reelaborando a falta, de uma forma indefinidamente repetida, se alcança o limite que dá a obra inteira, sua real medida" (LACAN, 1966 apud HORNSTEIN, 1990, p. 91).

Até aqui, podemos verificar que existem muitas semelhanças entre criatividade e sublimação. Para atingirmos um grau mais ampliado de compreensão, realizamos a comparação entre estes dois fenômenos a partir de diferentes referenciais.

Num primeiro momento, pudemos estudar a influência da cultura na constituição do conceito tanto da sublimação quanto da criatividade. Verificamos que a dimensão social e a dimensão coletiva oferecida a estas duas categorias são diferenciadas de acordo com cada autor. No geral, no que diz respeito à influência sócio-cultural, a criatividade se diferencia da sublimação não repressiva, proposta por Marcuse (1984), porém se assemelha à proposta de sublimação repressiva.



Ao avaliar a sublimação não repressiva, verificamos que também pode haver semelhanças com a categoria da criatividade nos termos da práxis criadora introduzida por Vazquez (1990), principalmente em seu caráter de transgredir as leis previamente traçadas, provocando desvios ao estado de conformidade. Porém, na práxis criadora há uma supervalorização da consciência em detrimento do inconsciente, como se este último permanecesse inativo nos processos de mudança ocasionados pela criação, ao contrário do pensamento de Marcuse (1984).

Por fim, buscamos relacionar a noção de 'tensão psíquica' presente nos processos criativos propostos por Ostrower (1987) ao conceito de desejo, intrínseco ao mecanismo sublimatório, sendo em ambos os casos, presente a idéia de renovação constante (tanto do potencial criador como do desejo) e impossibilidade de uma realização total.

A descrição realizada até então, demonstra a apresentação da sublimação construída basicamente em torno do referencial psicanalítico, que nos reporta basicamente à crença da existência do inconsciente, como instância que domina a maior parte de nossas ações, que seriam guiadas por pulsões latentes, ou seja, das quais não temos controle. Estas ações, quando sublimadas, visariam, por um lado, o desenvolvimento da civilização e por outro a minimização dos efeitos de sofrimento ocasionados pelo princípio de realidade para ou mesmo sua superação deste princípio.

Já a construção da teoria da criatividade é pautada pelo viés da arte e da dialética construída em torno do referencial materialista histórico, que basicamente, aposta na possibilidade da ação criadora enquanto catalisadora dos processos de transformação social e realização pessoal.

Com isso, podemos concluir que sublimação e processos criativos são fenômenos históricos, cotidianos, vivenciados por todos nós, porém muito complexos.

Poderíamos aqui arriscar a realização de uma simulação de conclusão final: "A sublimação é... já a criatividade é diferente, pois é...". No entanto esta não é uma questão tão simples.

Pensarmos estes fenômenos em sua realização prática, a partir de sua ação concreta e seus produtos, nos faz percebê-los como sinônimos. Porém quando procuramos refletir quais mecanismos estas atividades utilizam para se efetivarem, o que as fundamentam ou a que

servem, nos deparamos com diversas teorias que buscam explicá-las de acordo com suas diferentes concepções de homem, de mundo e de fazer humano.

Por isso, por envolver necessariamente, aspectos da vida humana que não possuem verdades pré-estabelecidas ou valores positivistas capazes de se bastarem por si mesmos ou conclusões finais, uma discussão em torno da sublimação e criatividade será sempre uma discussão ético-política, que envolve diversos valores, diferentes referenciais teóricos, contextos históricos e vivências.

E, embora tenhamos chegado ao entendimento de que a categoria filosófica da criatividade e a conceituação psicanalítica da sublimação podem tratar-se do mesmo mecanismo intrínseco ao homem, porém transformado em conhecimento a partir de racionalizações e elaborações teóricas de diferentes saberes, seja lá qual for o nome que essa potência adquira, trata-se de um potente instrumento transformador pessoal e social, que por razões contingências, a sociedade contemporânea tem tornado cada vez menos evidente nas relações cotidianas.

## **Bibliografia**

FERIGATO, Sabrina Helena. **A criatividade e os processos criativos sob a perspectiva da Terapia Ocupacional**. 2003. 89p. (Trabalho monográfico de conclusão de curso). - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na Civilização**. trad. José Octávio de Aguiar Abreu. Imago: Rio de Janeiro, 1997.

HORNEISTEIN, Luis. **Cura psicanalítica e Sublimação**. trad. Francisco Settineri e Ricardo Sanguinetti. Artes Médicas: Porto Alegre, 1990.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. trad. Álvaro Cabral. Círculo do livro. 1984.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. trad. de Luiz Fernando Cardoso. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

**Recebido em 27/08/2006.**